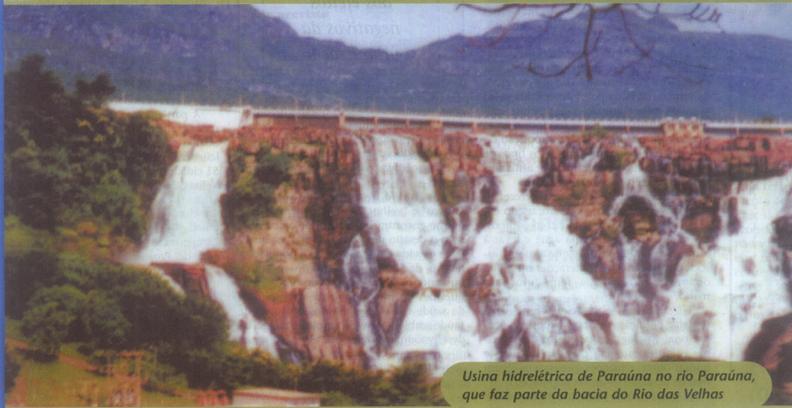




# Manuelzão

BELO HORIZONTE JUNHO/2001 ANO 5 N° 15 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

## Racionamento de energia



Usina hidrelétrica de Paraúna no rio Paraúna, que faz parte da bacia do Rio das Velhas

A crise do modelo econômico se apresenta sob a forma de escassez de água

Página 3

### Lagoa Santa

Comunidade vence disputa ambiental. Mas os problemas não acabaram

Página 5

### Córrego São Francisco

O sonho encaixotado

Página 7

### Transposição do "Velho Chico"

Um problema?  
Uma solução?

Páginas 8 e 9

### Parque do Brejinho

Comunidade do bairro Liberdade reivindica em ato público preservação de áreas com nascentes

Página 7

O·p·i·n·i·ã·o

# MEIO AMBIENTE E SAÚDE

Dr. Nelson da Cruz Gonçalves (\*)

Estamos vivendo um momento de transição de uma sociedade que já foi predominantemente rural para uma sociedade urbana. Nesta década, mais da metade da população mundial vai viver em cidades. No Brasil, a taxa de urbanização já era de 75% em 1991, e tudo indica que tenha aumentado ainda mais nesse mesmo período.

A urbanização desenfreada, sem mecanismos regulatórios e de controle, típica de países periféricos, trouxe consigo enormes repercussões no meio ambiente e, em consequência, à saúde da população. Serviços básicos de saneamento insuficientes, coleta e destinação adequada do lixo e condições precárias de moradia, problemas tradicionalmente relacionados à pobreza e ao subdesenvolvimento, somam-se agora à poluição química e física do ar, da água e

da terra, questões ambientais antes consideradas "modernas".

Novamente, é sobre as populações mais carentes, que residem na periferia dos grandes centros urbanos e em outras áreas menos privilegiadas das cidades, recai a maior parte dos efeitos negativos da urbanização, gerando uma situação de extrema desigualdade tanto na saúde quanto na exposição aos agravos ambientais. Temos hoje populações inteiras, vivendo em condições inadequadas de moradia, sem acesso aos serviços básicos e expostos aos contaminantes ambientais típicos do desenvolvimento, como a poluição por produtos químicos e a poluição atmosférica.

São estes os que enfrentam o "pior dos dois mundos": os problemas ambientais associados ao desenvolvimento econômico e os ainda não resolvidos problemas sanitários típicos do subdesenvolvimento.

Inúmeros agravos à saúde podem ser mencionados como diretamente relacionados a este meio ambiente urbano. Por exemplo, a contaminação do ar, da água e da terra, através da poluição emitida pelos veículos, pela eliminação de resíduos químicos industriais e pelos resíduos e gases tóxicos produzidos pela decomposição do lixo, estão relacionados a diversos tipos de câncer e doenças respiratórias e a malformações congênitas, entre outros.

Mesmo a água tratada pode oferecer algum risco uma vez que o cloro, usado em seu tratamento, pode reagir com compostos orgânicos presentes na água e levar à formação de subprodutos, que têm sido associados ao câncer e a alterações no funcionamento do sistema reprodutor humano.

Há ainda que se mencionem a poluição visual, a poluição sonora, a exposição ocupacional a poluentes, os efeitos de pesticidas e fertilizantes na cadeia alimentar, e muitas outras situações que trazem algum tipo de agravo à saúde da população.

A área do meio ambiente é característi-

camente interdisciplinar uma vez que, numa conceituação mais abrangente, meio ambiente é tudo que nos cerca. Desta forma, a abordagem dos problemas de saúde relacionados a ele tende a ser multidisciplinar ou interdisciplinar. As inter-rela-

É sobre as populações mais carentes que recai a maior parte dos efeitos negativos da urbanização

ções, a complexidade e o aspecto multicausal dos problemas de saúde relacionados ao meio ambiente requerem estratégias inovadoras para identificá-las, propor e testar medidas para redução destes problemas.

Portanto, é neste contexto repleto de "novos" e "velhos" problemas ambientais que se encontra hoje a saúde ambiental, com o desafio de promover melhor qualidade de vida e de saúde para a população, dentro de uma perspectiva intersectorial, buscando, assim, a reincorporação das questões do meio ambiente nas políticas de saúde e a integração dos objetivos da saúde ambiental numa ampla estratégia de desenvolvimento sustentável.

(\*)Nelson da Cruz Gonçalves é PhD, Prof. Dr. do Departamento de Medicina Preventiva - FM/USP

## Espaço dos leitores

"Antes de mais nada, parabéns pelo trabalho que vocês vêm realizando. De vez em quando visito sua homepage e pretendo visitá-la ainda mais, já que este ano celebramos o Dia Mundial da Água com o tema Água e Saúde(...)"

Sou fã do Projeto e esperamos poder divulgá-lo toda vez que falarmos de saúde em nosso informativo. Cortesia de minha parte para mimero."

Maria do Carmo Zinato  
Coordenadora do Fonte d'Água/  
Flórida-EUA.

## Conversa com o leitor

A partir desta edição nosso jornal terá uma tiragem muito maior: agora são 50.000 exemplares para atender todos os leitores interessados, principalmente das 51 cidades, integrantes da bacia do Rio das Velhas. Também estamos procurando criar uma maior interatividade com os leitores e aceitamos sugestões nesse sentido. Nosso objetivo é que o jornal seja um veículo "leve-traz", portanto, que leve a mensagem do Projeto Manuelzão e, ao mesmo tempo, que receba os comentários de todos os leitores. Envie-nos seus comentários e mandem sugestões para "Projeto Manuelzão dá o Recado"/ Jornal Manuelzão: Caixa Postal 340 - Av. Alfredo Balena, 190 - Sala 10012 - Santa Efigênia - Belo Horizonte - Cep: 30130-100. Email:manuelzao@manuelzao.ufmg.br. Telefones (0xx31) 32489817 e 32489819

Fax: (0xx31) 32489818.

A área do meio ambiente é caracteristicamente interdisciplinar uma vez que, numa conceituação mais abrangente, meio ambiente é tudo que nos cerca.



Sede: Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais  
Caixa Postal 340 - Av. Alfredo Balena, 190 sala 10012  
Santa Efigênia, Belo Horizonte - Minas Gerais, Brasil  
CEP: 30130-100. Telefones: (0xx31) 3248-9817 e 3248-9819  
Fax: (0xx31) 3248-9818  
Correio eletrônico: manuelzao@manuelzao.ufmg.br  
Portal: www.manuelzao.ufmg.br

#### Coordenadores:

Antônio Leite Alves, Marcus Vinícius Pilgmann, Antônio Thomas da Mata Machado, Professor Apolo Henger Lôboa

#### Coordenador Geral:

Professor Apolo Henger Lôboa

#### Administração:

Neliene Marques, Maitê Aparecida Santos, Ludmila Lana da Silva, Cibiane de Lima Caputo e Rosermei Ramos Vieira.

#### Redação e Edição:

Projeto Assessoria Sindical S/C Ltda. - 3271.1991 - Jornalista Responsável: Elize Peixoto Vello (MTE/DT/AMG 2155)

Equipe Manuelzão dá o Recado: Elton Azeites (MTB 4415 DRT/MG), Francisco Vieira, Tacy Miranda, Sílvia Araújo e alunos do Curso de Comunicação da UFMG.

#### Projeto Gráfico e Diagramação:

Intensiva Design & Comunicação - 3273-7299

#### Marca do Projeto Manuelzão:

Carla Coccanelli/Apolo Henger Lôboa

Fotos: Arquivo Projeto Manuelzão, Assembleia Legislativa,

Cenário e Aracaju/Minas

Fotofielis: Fotogram

Impressão: Lazo

Tiragem: 50.000 exemplares.

Envie sua contribuição para o jornal Manuelzão. Caso você deva receber este jornal em sua cidade, escreva-nos e solicite sua assinatura gratuita.

É permitida a reprodução de matérias e artigos, desde que citada a fonte e o nome. Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião dos editores do jornal e do Projeto Manuelzão.

#### PARGERS:

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais  
UFAC - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
UFPA - Universidade Federal do Pará  
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco  
UFRRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
UFRRS - Universidade Federal de Roraima  
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina  
UFSE - Universidade Federal de Sergipe  
UFSP - Universidade Federal de São Paulo  
UFV - Universidade Federal de Viçosa  
UFVJM - Universidade Federal de Juiz de Fora  
UFVPA - Universidade Federal do Vale do Açu  
UFVPM - Universidade Federal do Vale do Paraíba  
UFVU - Universidade Federal do Espírito Santo  
UFZ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

# Racionamento: Quais as causas?

Tiago Miranda  
Estudante de Comunicação na UFMG

Racionamento, crise energética, apagão e outras semelhantes são as palavras mais faladas e ouvidas pelos brasileiros nos últimos dias. Os especialistas em energia preveem este caos há alguns anos, porque o consumo de energia pela população e pela indústria crescia continuamente e a oferta não aumentava na mesma proporção. Entretanto o governo federal não levou a sério as advertências.

Não se preocupou em investir na produção de formas alternativas de energias como a solar, a eólica, termelétricas. Muito menos na ampliação do sistema hidrelétrico, em linhas de transmissão e racionalização do consumo. Acreditaram na história de que "Deus é brasileiro" e que mais uma vez, a crise seria adiada com o enchimento dos reservatórios das hidrelétricas pela chuva. É simples jogar a responsabilidade para os outros, no caso, a natureza, dizendo que o nível dos reservatórios estão baixos, porque a chuva não caiu.

## Falta chuva?

É certo que a precipitação de chuva,

realmente diminuiu nos últimos anos. Mas, segundo João Batista Moreira do 5º Distrito de Meteorologia de Belo Horizonte, a questão não é tão simples, porque envolve vários fatores. Um deles é a queda de chuva torrencial nos últimos tempos, que tem afetado os mananciais. As águas não penetram na terra, sobretudo devido ao desmatamento generalizado. Apenas lavam o solo, lixiviam-no, ou seja, bate no chão e corre logo. Então, a capacidade de armazenamento de água cai em 20%. Some-se a isto a falta da mata ciliar, o assoreamento dos rios, a impermeabilização do solo e o mau uso da terra. Não há como manter o nível de água.

## Crise prevista

O professor Edézio de Carvalho, geólogo e conselheiro do Projeto Manuelzão, explicou que "as empresas de energia elétrica não investiram na capacidade de produção. A Cemig, por exemplo, não contemplou com nenhum recurso a base do problema energético. Apesar de sabermos que a situação crítica chegaria em breve, nada foi feito para atenuá-la. Sobre energia no Sul e no Norte, com as barragens das hidrelétricas transbordando, mas falta linha de transmissão para distribuí-la, onde está escassa.

Professor Edézio de Carvalho diz ainda que "a omissão do governo, que estava consciente da iminente crise, provocou em grande parte o racionamento. Outro fator é a questão da reabilitação do solo que não é feita pela Copasa e nem pela Cemig, no caso de Minas. É no solo que a água fica retida e se ele não for bem cuidado, não tem como haver água". Ele sugere a unificação da gestão dos recursos hídricos. "Estas empresas não podem cuidar só do suprimento. É obrigação delas cuidar de todo processo, a começar pela água, afinal sem esta matéria prima, não tem como gerarem seus produtos.

Usar a energia de forma inteligente também é uma solução, sugere o professor. "Estudar de que formas a tecnologia poderia ser usada para baixar o consumo e fazer reestruturação do aparato eletrônico já disponível. Calpar a somente a falta de chuva é simplificar por demais esta questão."

## Falta consciência ambiental?

Por outro lado, os órgãos governamentais se queixam da falta de consci-



ência ambiental da população. Sebastião Oscar Filho, analista mercadológico da COPASA, diz que "muitos hábitos do dia-a-dia contribuem para a falta d'água e o

cidadão não tem preocupação de controlar o seu consumo".

Antônia Maria Diniz, engenheira do departamento de comercialização da Cemig, diz que "a população vai precisar de uma terapia de choque como o racionamento de água e energia para se conscientizar do problema. As campanhas sobre economia feitas pela Cemig e COPASA não surtem efeito desejado. A Cemig faz este trabalho desde a década de 70 e já conseguiu economizar energia equivalente a uma cidade do porte de Uberlândia. Mas a população logo esquece e com o fim da estagnação, tudo volta ao normal.

## Racionamento e reciclagem

O racionamento de energia modifica o orçamento familiar e o consumidor sai em busca de alternativas para diminuir os gastos, que vão de velas a lâmpadas fluorescentes, às mais econômicas. Mas, é preciso cuidado. Estas lâmpadas contêm mercúrio e se uma delas quebrar, este elemento tóxico (em forma de vapor), permanece no ambiente por um período de cinco dias.

Quando gasta não há quem a recolha ou recicla. O usuário comum não tem escolha; joga no lixo. Entretanto, de acordo com o ISSO 14001 de gestão ambiental, as indústrias são obrigadas a dar um destino aos resíduos que produzem. Os fabricantes das lâmpadas de mercúrio transferem o problema para o consumidor. Assim como a questão do racionamento, a tarefa da reciclagem é transferida ao outro.

## Racionamento e meio ambiente

O racionamento pode trazer graves problemas para o meio ambiente, porque corre-se o risco de as indústrias desligarem os seus sistemas de tratamento de efluentes líquidos e atmosféricos para economizar energia e liberar mais poluição. Uma solução seria as empresas comprarem um gerador de energia elétrica a partir de outra fonte, para cumprir as metas ambientais e as do racionamento. A FEAM, as organizações sociais civis e a imprensa precisam estar vigilantes.



Professor Edézio: "culpar a falta de chuva é simplificar por demais a questão"

# Os que pensam que são

Carlos Rebêlo (\*)

Estão em toda parte: em empresas privadas, nos serviços públicos, nas estatais, porque o assunto é moda e os que estiverem contra são mal vistos, abominados. Referimo-nos à defesa do meio ambiente e aos ambientalistas. Hoje, todos se dizem ecologistas mas, pelo seu comportamento ou ações, não dizemos.

1- Não são a favor da diminuição do gasto energético aqueles que, sabendo da crise de energia que está aí, não pensam no aproveitamento da energia do gás metano, obtendo da digestão atirada dos lodos (30 litros/pessoa/dia) nas estações de tratamento de esgoto de cidades de grande porte (mais de um milhão de pessoas). Eles sabem que para esta população haverá uma produção de 30.000 m<sup>3</sup>/dia, sendo que cada metro cúbico normal corresponde a 1 cv/hora ou 0,736 KW/hora. Isto equivale à obtenção de 44.160 KW/hora, que preferem inutilizar pela queima diária em lugar de aproveitar para seu próprio uso e ceder as sobras para a rede elétrica. Assistem, indiferentes, à diminuição do nível dos reservatórios, deixando de aproveitar, racionalmente, o extraordinário poder energético que a natureza lhe põe nas mãos.

2- Não são ecologistas quando, por solicitação de pobres moradores ribeirinhos, constroem canais de concreto em rios e córregos para afastar as águas correntes que, nessa situação, provocam inundações sérias no corpo inferior, quando deveriam retirar as casas marginais e alargar o leito, deixando para natureza agir como antes da intervenção humana.

3- Assim, no leito natural haveria maior infiltração, menos velocidade da água, menos inundações das áreas a jusante e no vale, pouco a pouco se restabeleceria a vida animal e vegetal.

4- Não são defensores da vida animal, quando constroem formidáveis barragens para hidrelétricas, mas não estudam e aperfeiçoam projetos dos canais escalonados de contorno delas, para que os peixes possam transitar por eles na época da piracema. Por isso liquidam as espécies migratórias, aos poucos.

5- Não são contra a poluição da água, se não procuram conhecer meios econômicos para tratamento dos esgotos urbanos ou se a cidade possui alguma unidade de tratamento, os que tendo poder de mando, não se esforçam para que os moradores façam suas ligações prediais na rede pública. Assim, consentem que parte da população continue a utilizar-se das fossas contaminadoras do

ativas represas. Deste modo, as barragens tornariam-se reservatórios de acumulação das águas das chuvas e retardariam a chegada dos eflúvios, vindos daqueles vales, ao corpo receptor maior, para, quando estes ali chegassem, já a vazão maior ter-se escoado. Esta é a única alternativa viável para diminuir as enchentes nas cidades de topografia acidentada.

7- Não são ecologistas aqueles que, vendo o solo cada vez mais empobrecido, escolhem não fazer uso da matéria orgânica transformada em húmus e em biodigestores para recuperá-lo. Preferem ver o produto orgânico enterrado junto com impurezas, às vezes não biodegradáveis, contaminadoras do solo, sem nenhum proveito.

8- Não são contra a devastação florestal aqueles que, indiferentes, vêm os camilhões, vindos do norte de Minas (Bacias do São Francisco e Jequitinhonha), abarrotados de carvão extraído da vegetação dos cerrados. A justificativa para tal absurdo está na lei que permite ao proprietário rural desmatar até 20 por cento da área da propriedade. Pelo o que vem acontecendo anos a fio, é de se supor que, no norte de Minas, a lei é letra morta e mesmo se fosse criteriosamente observada, a devastação florestal não renováveis já atingiu área considerável. Não é mais possível admitir esta situação, o que ocorre, diariamente, sob a vista do principal órgão oficial de controle.

A lista seria enorme se fossemos apontar todas as contradições dos pseudo ambientalistas. Eles são, como dizia o conhecido ex-juiz de flume e locutor esportista do Rio de Janeiro, Mário Vianna, ao comentar uma partida contrariada com os erros do juiz "este não é juiz, é um soprador de apito".

Como se vê, no terreno da ecologia, estamos cheios de sopradores de apito.

(\*) Carlos Rebêlo é conselheiro do Projeto Manuelzão



subsolo, ou lancem os efluentes na rede pluvial da cidade.

6- Não são contra o assoreamento dos córregos e rios, aqueles que dirigem os órgãos aos quais estão afetos os problemas de drenagem pluvial, ignoram as vantagens de se implantar pequenas barragens, mesmo de terra, sequenciais, no "talwegues" existentes nos morros das cidades, com vertedouros verticais no interior das respec-

# O povo sabe das coisas

Chega a ser emocionante a participação popular em determinadas situações. Mais ainda quando as pessoas estão plenamente conscientes dos seus direitos, deveres e anseios, lutando bravamente para impedir que o mal se instale de vez.

Recentemente, tive a oportunidade de fazer a cobertura de uma audiência pública na Assembleia Legislativa, que recebeu a participação maciça dos moradores de Lagoa Santa. Autoridades, estudantes, donos de casa e outros simples mortais do município vizinho, capitaneados pelos integrantes do Projeto Manuelzão, mostraram força e entusiasmo para defender o

seu meio ambiente. Com toda razão, diga-se de passagem. Afinal, pelos estudos do geólogo João Alberto Pratinde de Moraes, as águas da região estão ameaçadas pela empresa Soaicom. E, por isso mesmo, os cidadãos temem pela destruição do seu principal cartão postal — a lagoa que dá nome à terra onde nasceram. Estão bem certos de que, se abrirem a guarda, a destruição do patrimônio natural é questão de meses.

Nas horas em que estive na Assembleia, ouvi uma frase da qual não me esqueço. Bem no estilo mineiro, ao pé do ouvido, Pratinde de Moraes me disse que a batalha dos moradores de Lagoa Santa era

um exemplo. "Se o povo de Belo Horizonte resolvesse partir em defesa da Serra do Curral, da Pampulha, com a mesma determinação, a história seria outra..."

As palavras ficaram dias e dias martelando a minha cabeça. Afinal, a gente olha para o alto e vê a montanha subindo cada vez mais, olha para baixo e vê o assustador espelho d'água da Pampulha refletindo sujeira, descaso, desolação, inércia.

Nos debates, a promotora da comarca de Lagoa Santa, Josely Ramos Pontes, bradou com todas as letras que o meio ambiente não pode ser subjugado por poder

econômico. Sábias palavras, que deveriam ser lidas pelo presidente dos Estados Unidos.

É com bons exemplos assim que devemos construir o nosso futuro. Já vai longe o tempo em que o meio ambiente se resumia a algumas ações românticas. Meio ambiente é a sobrevivência, é a fonte de água, luz, vida. Se continuarmos a ignorar os nossos recursos naturais, vamos voltar ao tempo das cavernas. E o pior: sem cavernas.

(\*) Gustavo Werneck é jornalista. Reprodução do jornal Estado de Minas, Caderno Gerais, 13.05.2001



Baía do Velhas

FOTOS: ROBERTO DA SILVA

# Lagoa Santa: comunidade veta degradação ambiental da Soeicom

Aquela história de que "a união faz a força" mostrou mais uma vez que, se colocada em prática, dá bons resultados. Foi este o caso da Soeicom. O comitê Manuelzão de Lagoa Santa, coordenado pelo engenheiro Inácio Fernandes com a assessoria de Gil César Moreira de Albuquerque, arregaçou as mangas e com a comunidade e apoio da prefeitura denunciou à Comissão de Meio Ambiente da Assembleia Legislativa o plano da empresa de ampliar a mina Lapa Vermelha.

## A história

A mineradora explora o calcário da região há 25 anos e pretendia ampliar a produção na área da mineração, através de licença prévia junto à Fundação Estadual do Meio Ambiente, sem estudo técnico completo sobre os possíveis impactos a serem causados às águas subterrâneas.

Uma comissão formada pelo Comitê Manuelzão, representantes da prefeitura, promotora Josely Ramos Pontes e os deputados José Milton e Fábio Avelar, visitou a mina Lapa Vermelha, a Lagoa Central, a empresa Diamed e o Parque Aeronáutico, onde rachaduras nas paredes, ao que tudo indica, são provocadas por explosões na mina.

Para encontrar uma solução foram realizadas audiências públicas em Lagoa Santa, no dia 8 de fevereiro, e em Belo Horizonte, na Assembleia Legislativa. Durante esta audiência, o geólogo e consultor da prefeitura de Lagoa Santa João Alberto Pratinfi de Moraes explicou que ao aprofundar a mineração, o lençol freático se atingido poderá prejudicar os recursos hídricos, inclusive a Lagoa Central, porque não há dados suficientes sobre o curso das águas subterrâneas.

O prefeito de Lagoa Santa, Genesco

Aparecido de Oliveira Júnior, mostrou-se contrário à expansão pois, segundo ele, "não se pode trocar a vida pela compensação financeira. Não sou contra o desenvolvimento desde que haja respeito pelos recursos naturais".

O diretor técnico da Feam, Rubens José de Oliveira, disse que a mineradora não poderá aprofundar nem mais um centímetro, enquanto não houver um estudo completo e as explosões devem ser monitoradas". A promotora Josely Ramos Pontes afirmou que "o poder público não pode ser subserviente ao poder do dinheiro das empresas e que temos de pensar na questão da água hoje e não amanhã, quando talvez não tenha mais jeito."

Diante desses argumentos, o consultor da Soeicom, William Freire, garantiu que "a empresa não pretende mais baixar o nível da mina, enquanto não for provado que o lençol freático não será atingido". Mas quem irá fiscalizar? A FEAM, o IGAM ou a Prefeitura?

## Decisão

O resultado não poderia ser melhor. Os deputados decidiram recomendar ao governo que não conceda qualquer licença à Soeicom, até que seja feito um estudo técnico ampliado, provando que não haverá impactos irreversíveis ao ecossistema da região, incluindo a lagoa, cartão postal da cidade.

O presidente da Comissão de Meio Ambiente, deputado José Milton, disse que "não vale a pena a exploração dos recursos naturais a qualquer preço e que a vida deve ser considerada em primeiro lugar".



Estudantes com o vice-prefeito Nelsinho Cândido na audiência pública



Deputado José Milton: "O desenvolvimento econômico precisa andar junto com a conservação dos recursos naturais".



Prefeito Genesco Aparecido: "Não se pode trocar a vida pela compensação financeira".

## Convênio com a Emater

O Projeto Manuelzão ganhou mais um parceiro. No dia 30 de março a Emater – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais assinou convênio de cooperação técnico-científica para trabalho no manejo integrado dos recursos naturais ligados à conservação e revitalização da bacia do Rio das Velhas.

A atuação conjunta dos escritórios da Emater e comitês Manuelzão estarão somando suas forças na gestão de sub-bacias integradas. Serão desenvolvidos em todos os municípios trabalhados de

educação ambiental, técnicas agrícolas e de produção animal, com sustentabilidade e revegetação das áreas de recargas hídricas. Os agricultores e proprietários rurais serão incentivados a desenvolverem atividades, visando a melhoria da qualidade de vida na área rural.

No ato de assinatura do convênio estiveram presentes o presidente da Emater, Antônio Lima Bandeira, o diretor técnico Márcio de Castro, além dos pró-reitores da UFMG Edson José e Ronaldo Pena, e diretores da Fundep.

## Funilândia discute cidadania com o Projeto Ciranda

Pedro Souza Pinto  
Estudante de Comunicação na UFMG

Em reunião realizada no dia 27 de abril, em Funilândia (médio Rio das Velhas), foram discutidas as linhas de ação do Projeto Ciranda, cujo objetivo é a melhoria da cidadania pública e o exercício da cidadania. O Projeto Manuelzão está atuando como parceiro, sendo responsável, junto com outras entidades, pela implementação de um programa de educação ambiental e sanitária.

Os tratamentos do lixo e do esgoto foram considerados pontos importantes, existindo o plano de tratamento do lixo com a criação de uma usina na cidade. A limpeza urbana foi colocada como meta prioritária a ser trabalhada para que se possa fazer a avaliação e o acompanhamento do projeto. Uma antiga estação de tratamento de esgoto também está sendo recuperada.



Bacia do Velhas

## Gouveia Estrada de ferro

A preocupação com o meio ambiente está se transformando em atos concretos como fez o Grupo Caminhos da Serra – Associação para o Meio Ambiente, Cultura e Turismo de Gouveia. O grupo fez uma caminhada de 110 Km entre Diamantina e Corinto, para levantar o processo histórico da ferrovia, que começou a funcionar em 1914 e está desativada há 29 anos. A estrada foi construída através de antigas rotas

de tropas ligadas à estrada real, para escoamento de diamantes e ouro.

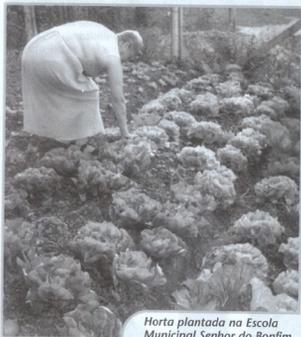
Alex Mendes Santos, um dos participantes, disse que “a expedição cortou vários rios, entre eles o rio das Velhas, Pardinho e Pardo e fez também um levantamento da situação ambiental. A região é de extrema beleza e em alguns pontos apresenta vegetação densa e os rios parecem limpos, até chegar a algum povoado, quando são poluídos pelo esgoto e lixo.

Durante a caminhada, a expedição constatou que a situação do Rio Pardinho é das piores, porque a mineração de diamantes, apesar de estar proibida, deixou tristes

marcas, como o assoreamento, desmatamento das margens, desvio de curso, que estão longe de ser recuperadas não foi feito um trabalho de recuperação ambiental.” O grupo quer dar início à recuperação do rio, cujas águas são utilizadas pelas comunidades de Conselheiro da Mata, Rodeador, Monjolos e

A expedição fotografou e coletou dados sobre a região e agora está ordenando as informações colhidas, que poderão ser usadas em trabalhos de pesquisa e revitalização destas áreas pelas prefeituras destes municípios, escolas e pessoas interessadas em participar da recuperação do local.

## Vespasiano Educação Ambiental

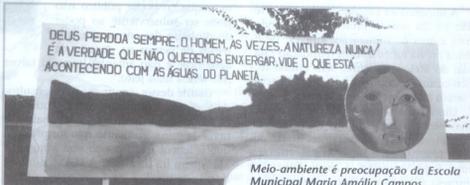


Horta plantada na Escola Municipal Senhor do Bonfim

O Comitê Manuelzão de Vespasiano, em parceria com a secretaria Municipal de Educação, promove educação ambiental nas escolas da rede municipal de ensino. As atividades incluem o plantio de hortas e jardins, passeatas dos estudantes e pais pelos bairros da cidade contra a degradação, visitas às nascentes, coleta seletiva de lixo e comemorações de datas relativas à natureza.

Além disso, é realizado um trabalho de capacitação dos profissionais da educação em termos de novos conhecimentos, habilidades e conscientização sobre a questão ambiental em parceria com as empresas ICAL (Indústria de Calcinção Ltda.) e Soecicom.

## Corinto Adoção de córrego



Meio-ambiente é preocupação da Escola Municipal Maria Amália Campos

As professoras da Escola Municipal Maria Amália Campos, com apoio de sua diretora Mercedes de Paula e da orientadora Márcia Lúcia Diniz, implantaram um arrojado projeto de educação ambiental, com a adoção do córrego Pindaíba.

O córrego passa perto da escola e era cheio de lixo. Com a adoção, os alunos da escola, orientados pelos estagiários do Internato Rural da Escola de Medicina da

UFMG, fazem limpeza da nascente e trabalho de conscientização das pessoas sobre a necessidade de não jogar lixo no local. Este trabalho conta também com a ajuda de Dona Jesuina, proprietária do terreno, onde fica a nascente. Além disso, as crianças fazem coleta coletiva do lixo e participam de atos públicos, em que a questão da preservação da água e do meio ambiente é tema.

## Santana do Pirapama Comunidade do Cipó se mobiliza

Tiago Miranda  
Estudante de Comunicação na UFMG

Em Santana do Pirapama, dia 7 de abril, foi realizada uma reunião com a comunidade pela mobilização das localidades da bacia do Cipó na proteção e preservação de suas águas e desenvolvimento das potencialidades em ecoturismo. Com os resultados obtidos no trabalho de orientação aos turistas no carnaval de 2001, foram traçadas novas estratégias de conscientização. A proibição da pesca no rio

Cipó por dois anos foi outro tema debatido no encontro.

No Paratína e no Cipó, no médio curso do Velhas, não há comitê Manuelzão estruturado e um dos objetivos do projeto na reunião foi sua criação. Está previsto para o 2º semestre reunião com moradores da região do Paratína. O rio Cipó deságua no Paratína antes de chegar ao Velhas.



Participantes do encontro que mobilizou a comunidade do Cipó dia 7 de abril



## Bairro Liberdade

### Córrego São Francisco

Os moradores do bairro Liberdade, na região da Pampulha, há muito lutam junto à PBH para acabar com o lixo, esgoto e mau cheiro no Córrego São Francisco. No orçamento participativo, em 1998, eles conquistaram obra de canalização do córrego, que está em execução. Entretanto, pergunta-se: a canalização vai resolver o problema? Ou vai criar outro? Por que a PBH não pensou antes em outra solução?

#### Canalizar é a solução?

Os especialistas do Projeto Manuelzão estudaram a fundo esta questão e concluíram que cimentar o fundo e as laterais de um riacho ou construir ruas e avenidas pavimentadas por cima ou ao lado traz uma série de complicações, como acabar com as curvas do rio, aumentando a velocidade da água e causando enchentes abaixo da área canalizada. A relação do homem com a natureza é prejudicada, porque ao invés de margens verdes e áreas de lazer sobram carros, fumaça, o preto do

asfalto e o cinza do concreto.

Canalizar um curso d'água é crime ambiental, porque decreta sua morte. Além do mais, existe alternativa, mais barata, que mantém o rio vivo, limpo e não traz as consequências desastrosas da canalização.

As conclusões dos estudos do Projeto Manuelzão foram confirmadas por um grupo de técnicos alemães, liderados por Walter Binder, que visitou Belo Horizonte, recentemente. Este grupo estuda a descanalização dos rios europeus, já que a canalização é tida como a causa das inundações nos países daquele continente.

#### Alternativa

Outra forma de acabar com cursos d'água poluídos pelos esgotos e lixo é a recomposição ambiental. Ou seja, eliminar a causa da sujeira, interceptando o esgoto e tratando-o antes de lançá-lo ao córrego. Faz-se a revitalização das margens e das águas, a recomposição da vegetação ciliar e são criadas áreas de lazer e parques ao re-

dor. Além de mais barato que a canalização, que esconde o problema em um local e empurra-o para as comunidades abaixo, só tende a trazer benefícios para todos.

O Projeto Manuelzão, que tem na PBH um parceiro, através da Regional Pampulha, no dia 14 de maio, mostrou as vantagens da revitalização e os problemas gerados pela canalização aos representantes dos moradores da região. Depois de vários debates, os presentes concordaram que o Projeto Manuelzão, em 15 dias, preparasse um estudo para o local, utilizando esta alternativa. Nesses 15 dias, a obra de canalização foi paralisada, enquanto uma comissão formada por técnicos da prefeitura de Belo Horizonte e especialistas do Projeto Manuelzão preparavam o estudo com esta nova forma de tratar as águas.

#### A decisão

O estudo de revitalização foi apresentado na data marcada, dia primeiro de junho. A maioria dos moradores do local, presentes à reunião, no entanto, votou

pela canalização do córrego, apesar de reconhecerem os benefícios da recomposição ambiental, que além de tratar o esgoto e acabar com o lixo e o mau cheiro, criaria áreas com parque, jardins e quadras esportivas.

Tomaram esta decisão por recio da burocracia de licitação paralisar a canalização e a outra obra demorar, já que os recursos financeiros foram liberados para a primeira e não para a proposta do Projeto Manuelzão. Mas deixaram claro acreditar que a melhor solução é a revitalização e mostraram-se pesados pela proposta ter chegado depois da obra já ter começado. Alguns dos moradores disseram que o projeto de revitalização é um sonho e sugeriram torná-lo real em outras áreas da cidade, onde a questão do esgoto e córregos sujos está por resolver.

Assim, a mudança em relação ao tratamento dado aos córregos e esgotos da cidade foi adiado e Belo Horizonte perdeu a chance de ser avançado 20 anos no que seria o passo pioneiro para a melhoria da qualidade de vida do belo-horizontino.

CÓRREGO SÃO FRANCISCO  
Bairro Liberdade



Assim ficaria o local se o córrego fosse revitalizado conforme as técnicas da engenharia ambiental

## Belo Horizonte

### Ribeiro de Abreu quer parque ambiental

A comunidade do bairro Ribeiro de Abreu, através da Associação Comunitária e do Comitê Manuelzão, está mobilizando-se para conseguir junto à prefeitura de Belo Horizonte a preservação de uma mata existente perto da estrada MG 20, onde existem quatro nascentes. Estas nascentes correm para o ribeirão da Onça, que apesar de

degradado, guarda ainda animais e locais de grande beleza. A região é carente de áreas de lazer e este local pode ser transformado em parque ambiental para os moradores aproveitarem os fins de semana, preservar o clima, além de garantir a preservação dessas nascentes, da flora e da fauna. Com a palavra a PBH.

## Parque do Brejinho



Alunos da Escola Municipal Aurélio Pires: "Rap do Brejinho" no ato público.

A comunidade do bairro Liberdade e as escolas Estadual Kennedy e Municipal Aurélio Pires, junto com a prefeitura de Belo Horizonte, através da secretaria municipal de Coordenação de Gestão Regional Pampulha, Maria Christina Rodrigues, e o Projeto Manuelzão, realizou um ato público no dia 19 de maio pela criação do Parque

do Brejinho.

A região, densamente povoada, não conta com nenhum local de lazer. Por isto a comunidade está se mobilizando para transformar a área, chamada de Brejinho, onde há 3 nascentes, passarinhos e ainda alguma vegetação, em parque ambiental, antes que seja destruída pela construção de prédios.

# No meio do caminho

## Transposição das águas do São Francisco volta

Frederico Vieira  
Estudante de Comunicação da UFMG

Rio São Francisco, nome de santo, bondade de santo. Assim é o rio São Francisco, que nasce em Minas Gerais, na serra da Mantiqueira e corre levando alimento, água, enfim, vida, para milhares de pessoas nesse correr das suas águas. Em 2.800 quilômetros percorridos, ele oferece pesca, irrigação de plantações, água para consumo, enfim fornece o "pão e a água nossos de cada dia" aos pescadores e agricultores ribeirinhos. Além disso, suas belezas inspiram os poetas e seus mistérios povoam o imaginário da população. Entretanto, este quadro pode estar com os dias contados, segundo os especialistas, se não houver a revitalização da bacia.

### O que é transposição?

O projeto do governo federal propõe deslocar as águas do rio aos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará como solução para a seca, que sempre assolou a região. O projeto apresentado pelo Ministério da Integração Nacional causa polêmica nos estados banhados por suas águas. A maior divergência entre os governos estaduais, organizações ambientais de Minas, Bahia, Sergipe e Alagoas e o governo federal são os Estados e Relatórios de Impacto Ambiental.

O governo federal tentou conciliar, mas o resultado foi negativo: das nove audiências públicas programadas para se discutir a transposição, apenas quatro foram realizadas. Em Sergipe e Minas a reunião começou, mas foi interrompida por protestos das Ongs (organizações não-governamentais) ligadas à causa do "Chico", por considerarem abusiva a forma como as obras da transposição está sendo feita.

Os baianos foram mais longe: a audiência, marcada para 09 de abril, foi suspensa pela 10ª Vara da Justiça Federal do Estado, que acatou liminar impetrada em ação pública movida pelo Centro de Recursos Ambientais do Estado. O governo baiano é contra a transposição, porque a Bahia perderia água e para compensar o governo federal prometeu fazer outra transposição, ou seja ligar a bacia do rio Tocantins ao São Francisco.

Outro problema são os impactos ambientais, que o Ministério da Integração sustenta, ao contrário do Ministério do Meio Ambiente, que se opõe à obra e aos seus métodos.

Trezentos milhões de reais é a quantia, que o Orçamento da União 2001 quer destinar ao início das obras, porque a transposição São Francisco é prioridade para a Secretaria de Infra-Estrutura Hídrica do Ministério da Integração Nacional (MIN) e

está inserido no programa Avançar Brasil do Governo Federal. Agora tudo pode mudar com a demissão do ministro Fernando Bezerra, que tinha nessa proposta seu maior café eleitoral para candidatar-se ao governo do Rio Grande do Norte, e por causa do racionamento.

### Conversa antiga

Quem acha que a conversa é nova, e que o desejo da transposição só agora está na pauta do governo, se engana. Ainda em 1852, Dom Pedro II determinou os primeiros estudos sobre a possível transposição das águas do rio para as áreas castigadas pela seca. Desde então, o Projeto São Francisco passou de mão em mão, mas jamais saiu do papel.

O extinto DNOS (Departamento Nacional de Obras e Saneamento) propôs, em 1985, a derivação de cerca de 300 metros cúbicos por segundo (m<sup>3</sup>/s) próximo a Calhobó, Pernambuco, entre as barragens de Sobradinho e Itaparica - onde o Velho Chico é regularizado com uma vazão de 2.060m<sup>3</sup>/s. A quantidade de água transportada corresponderia ao absurdo de 15% da vazão total. Hoje o MIN, que assumiu as pesquisas feitas pelo também extinto Ministério da Integração Nacional, sabe que em torno de 3% seriam suficientes.



## Ponto de vista

Alberto Daker, engenheiro agrônomo, ex-professor da UFV (Universidade Federal de Viçosa), com 50 anos de especialidade em hidrologia, irrigação e drenagem, diz que o Projeto São Francisco é inviável. Em entrevista ao jornal Hoje em Dia, esclarece que "so de início seriam necessárias poderosas bombas para o recalque (subida) da água a 165 metros de altura, água que deixaria de gerar energia nas hidrelétricas a jusante (saída), numa altura aproximadamente de 300 metros. Isso corresponderia a um total de 465 metros de altura geométrica de elevação".

Ele diz que a perda da geração de

energia elétrica nos 300 metros de queda, mais o uso na elevação dos outros 165, correspondem a cifra de 950.000 quilowatts (KW). O funcionamento das bombas - dia e noite - precisaria estar sempre alimentado, algo inconcebível em tempos de racionamento energético. Essa energia gasta corresponde a, aproximadamente, três vezes à gerada pela hidrelétrica de Três Marias ou à totalidade de Sobradinho. O governo justifica sua fala com promessa de construção de uma possível termelétrica no Nordeste para suprir tal carência.

"Numa população de cerca de 20

milhões de habitantes, que receberiam a água, os resultados da transposição beneficiariam direta e indiretamente 1,5% da população. Assim, numa seca, ficariam 98,5% dos habitantes sujeitos aos mesmos dramas das estagens, como se vai hoje!" conclui Alberto Daker, que acredita num melhor aproveitamento do dinheiro nos açudes, com volume de água várias vezes superior à toda demanda.

Alberto Daker diz ainda que "diante das dificuldades topográficas e de manejo da água do rio, vai tornar-se uma obra faraônica, inviável econômica e financeiramente e vai trazer grandes pre-

juízos como um todo."

O senador Ney Suassuna do PMDB/PB, em artigo no jornal Gazeta Mercantil, afirma que o "projeto significaria água potável em quantidade e qualidade para o consumo humano, cerca de 223 mil hectares de área irrigada e geração de mais de um milhão de empregos". Segundo ele, o impacto socio-econômico será muito maior que as possíveis interferências na vazão do Chico - o que torna inadmissível esperar "mais 150 anos até que apareça algum com vontade política para mudar a situação. O senador se irrita com a demora na efetivação do Projeto.

# tinha um "desvio"...

à discussão nacional. E aí veio o racionamento!



Na Barra do Guaiçú, em Várzea da Palma, o encontro do Rio das Velhas com o São Francisco

## E a revitalização?

A polêmica "transpor" ou "não transpor" parece ter deixado de lado uma questão fundamental: a revitalização da bacia do São Francisco. Como levar ao sertão águas poluídas de um rio assoreado, onde às margens multiplicam bancos de areia cheios de degradação?

O superintendente do Ibama em Minas Gerais, Jader Figueiredo declarou ao jornal Estado de Minas, que nesse debate a questão da poluição é mais importante que a vazão do rio, que na sua avaliação, não será prejudicada. Ele diz ainda que "não podemos levar para o Nordeste a água contaminada do São Francisco. Jader Figueiredo foi quem dirigiu em nome do governo a audiência da transposição, interrompida por protestos em Minas.

"No meu tempo de mocinha, lembro-me bem da festa que era a chegada do vapor. O rio tinha alegria e os barcos traziam novidades. Hoje o rio é triste, mas gosto muito dele, porque criei minha família tirando o sustento de suas águas" desabafa a lavadeira Elizabete da Silva da localidade de São Romão, Norte de Minas, em depoimento ao jornal Estado de Minas.

O presidente Fernando Henrique Cardoso, ainda em seu primeiro mandato,

assinou, junto com governadores de Minas, Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco – estados banhados pelo São Francisco – documento comprometendo-se com o projeto de revitalização do rio, mas a promessa ficou no papel.

O secretário de Meio Ambiente de Minas Gerais, Paulino Cicero de Vasconcelos, declarou à imprensa que "sem revitalização do rio não haverá transposição porque, além de comprometer o futuro do próprio programa de transposição, prejudicará o abastecimento urbano de água, o sistema de geração de energia e até mesmo os projetos de irrigação implantados na bacia do São Francisco.

O rio das Velhas, principal e mais poluído afluente do Chico, é o motivo do Projeto Manuelzão, e por isso estamos de olho em toda essa discussão. Transpor para os sertanejos águas sem vida, gastando-se dinheiro dos cofres públicos com obras incertas, é o que não deve acontecer.

A seca é tormento que assola o povo nordestino há tempos, e medidas devem ser tomadas para amenizá-la. Mas a verdade é que a seca não se resolve apenas com água; seu problema é mais abrangente. Ela merece atenção social e econômica, que parecem há muito esquecidas.

## O caminho da transposição

Transpor as águas do São Francisco é desviar uma pequena parte de sua vazão por meios de tubulações (dois mil quilômetros de canais) e demais recursos, ao sertão setentrional nordestino.

O desvio, situado à jusante (saída) da Barragem de Sobradinho, Bahia, se dividiria em dois eixos: Norte, que vai na altura de Cabrobó, Pernambuco, e Leste, que interliga o São Francisco na altura do Reservatório de Itaparica, à Bacia do Rio Paraíba, no Es-

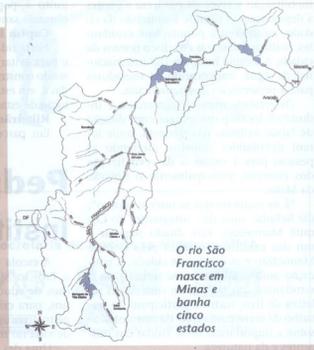
tado da Paraíba.

Segundo o Projeto São Francisco, o valor da vazão média seria de 53m<sup>3</sup>/s – o que corresponde a quase 3% da vazão total do rio.

Na área de influência do Projeto encontram-se cerca de 200 cidades de pequeno e médio portes e centros urbanos regionais importantes, que serão também beneficiados.

Setenta por cento das águas do São Francisco são produzidas em

Minas Gerais. Como a transposição se daria abaixo da fronteira de Minas, é comum pensar que não prejudicaria nosso Estado. Ledo engano! Como o São Francisco é rio federal (banha 5 estados) a outorga para usos em irrigação e outros é condicionada pelos usos previstos à jusante, ou seja, mais no Nordeste. Assim, Minas teria limitado seu direito de usar suas águas sem nenhuma compensação econômica. É como exportar de graça!



O rio São Francisco nasce em Minas e banha cinco estados



Bacia  
das  
Velhas

## São José da Lapa



## Passatas e educação ambiental

São José da Lapa está em estado de mobilização a favor da natureza e contra a degradação. O Comitê Manuelzão da cidade, junto com a população e estudantes, realizou passatas em cinco pontos da cidade, à mesma hora, no Dia Internacional da Água, convocando os moradores para a preservação dos mananciais.

Os estabelecimentos comerciais e industriais locais participaram com doação de faixas exibidas nas passatas, onde foram distribuídos folhetos, alertando as pessoas para a urgência da revitalização dos córregos, principalmente o ribeirão da Mata.

"É de pequeno que se torce o pepino", diz Belinha, uma das integrantes do Comitê Manuelzão. Este diário popular é um dos caminhos seguidos pelo Comitê Manuelzão e as escolas da cidade. A educação ambiental tornou-se rotina para os estudantes, que trabalham com coleta seletiva de lixo, teatro e participam do trabalho de conscientização da comunidade sobre a importância de se cuidar das nascentes e da natureza.

## Ribeirão da Mata Doente em estado grave mas ainda há salvação

Ribeirão da Mata é um importante afluente do rio das Velhas, que está doente por receber esgotos industriais e domésticos. Este foi o diagnóstico apresentado por técnicos da Copasa após várias análises das águas do ribeirão, cujas nascentes mais remotas estão em Matozinhos, Capim Branco e Esmeraldas e antes de chegar às Velhas passa por Pedro Leopoldo, Ribeirão das Neves, Confins, São José da Lapa, Lagoa Santa, Vespasiano, e Santa Luzia. Entretanto, ainda há salvação, se forem tomadas uma série de medidas recuperadoras.

Em cada cidade por onde passa, o ribeirão tem suas águas poluídas por óleos e graxas, manganês, ferro, metais pesados, chumbo, cádmio e outros produtos, além de altas taxas de *escherichia coli*, e estreptococos fecais e outras bactérias causadoras de inúmeras doenças, conforme o resultado das análises.

Preocupados com esta situação, reuniram-se, em Pedro Leopoldo, no dia 24 de abril, os prefeitos das cidades banhadas pelo córrego, um dos coordenadores do Projeto Manuelzão, Marcus Vinícius Polignano e técnicos da Copasa. A decisão foi organizar um trabalho conjunto de recuperação do ribeirão, envolvendo todas as prefeituras e moradores da região.

### ACOES

As prefeituras destes municípios em parceria com a Emater, Ministério Público, Copasa, Ong's, escolas estaduais e municipais e o Projeto Manuelzão estão realizando trabalhos e atividades educacionais junto à população, além de programar obras de saneamento básico.

### Capim Branco:

Nesta cidade o ribeirão ainda está limpo e para evitar que seja contaminado estão sendo construídas fossas sépticas nas fazendas e em estudos um projeto para implantação de estação de tratamento de esgoto.

### Ribeirão das Neves:

Em parceria com a Copasa a prefeit-

ura está trabalhando no saneamento básico dos 37 loteamentos irregulares e junto com o Ministério Público procura regularizar a emissão de esgotos industriais. É feito junto à comunidade trabalhos educacionais em busca de soluções para a questão do lixo e esgotos, que caem no ribeirão.

### Santa Luzia:

Um trabalho de diagnóstico ambiental está sendo realizado pela prefeitura, além de estimular a educação ambiental nas escolas, atividades junto aos catadores de sucata e está em estudo projeto para resolver o problema dos resíduos sólidos.

### Matozinhos:

Educação ambiental nas escolas, trabalho junto à empresa para plantio de árvores nas margens do ribeirão, convênios para produção de mudas. O Programa "Cultivando a Vida", (cada criança que nasce recebe uma muda de árvore frutífera e um diploma) foi organizado pelo Projeto Manuelzão, a Maternidade e a Prefeitura. Está em estudos as opções ou combinações de aterro sanitário, usina de compostagem e seleção para reciclagem. Nas escolas municipais uma disciplina sobre meio ambiente tornou-se obrigatória no currículo escolar.

### Esmeraldas:

Em parceria com o Projeto Manuelzão está preparando estudos para resolver o problema da coleta de esgotos e destinação final do lixo.

### Pedro Leopoldo:

Programa de extração de areia em circuito fechado, criação de legislação ambiental para dar poder de fiscalização à prefeitura, fortalecimento do Conselho Municipal de Meio Ambiente (Codema), criação de horto florestal, estudos para resolver o problema do lixo e estação de tratamento do esgoto, que é lançado no Ribeirão.

### Confins:

Aqui o Ribeirão passa na área rural, por



As águas claras e a fartura de peixe do Ribeirão da Mata, só existem agora na memória dos antigos moradores.

isso estão sendo programadas atividades junto às pessoas que vivem na região.

### São José da Lapa:

Desenvolvimento da educação ambiental nas escolas. Uma limpeza simbólica do córrego foi feita, com apoio da Cia. Itai, no dia 22 de março, Dia Mundial da Água, campanhas de plantio das matas ciliares e arborização urbana.

### Vespasiano:

A cidade está perto da foz e a população sofre com os problemas gerados pela degradação do Ribeirão, principalmente as enchentes. Estão em estudos a eliminação de lixões. A coleta de lixo já abrange 90% da cidade, mas há projeto de transformá-la em coleta seletiva e 50% dos esgotos já são tratados. Há ainda projetos de criação de Secretária do Meio Ambiente, reativação do Codema e educação ambiental nas escolas. A prefeitura fez também convênios com a Universidade Federal de Viçosa para elaborar programa de proteção ambiental e com o IEF (Instituto Estadual de Florestas) para criação de bosques.

### Lagoa Santa:

Criado o Comitê de Recuperação da Lagoa Central, nome local do Manuelzão. Há projetos de educação ambiental nas escolas e Estação de Tratamento de Esgoto. Foi criada também a Secretária de Meio Ambiente. O Comitê também conseguiu junto à Assembleia Legislativa a realização de audiência pública sobre as atividades da mineradora Soelcom.

## Pedro Leopoldo Instituto Lacoan

A escola Instituto Lacoan, junto com o Projeto Manuelzão, desenvolve trabalhos de educação ambiental com os alunos, para criar hábitos e atitudes de respeito à natureza e melhoria da qualidade de vida no município.

Uma das atividades foi a VII Gincana

"Sinais de Vida", com concursos de conhecimento gerais, talentos da escola, elaboração de projeto para recuperação do ribeirão da Mata, plantio de árvores, palestra do professor Marcos Polignano, do Projeto Manuelzão, recolhimento e venda à fábrica Wolpert de 79.617 garra-

fas pet, correspondente a 3.620 kg. O diário foi arrecadado com a venda das garrafas será usado no projeto de arborização das ruas do bairro Santo Antônio. O Instituto Lacoan tem como parceiros neste projeto a prefeitura municipal e a empresa Camargo Corrêa.

# M · a · n · u · e · l · z · ã · o · V · a · i · à · E · s · c · o · l · a

Silvia Araújo e Flávia Mantovani  
Estudantes de Comunicação da UFMG

## PESCA-PALAVRA

M C R O B G J K I O S T  
E G I D G L E C P T R A  
B H T A B A R A N A S Z  
D E M R S M C B A R X I  
S G U U A B U O P I U A  
J V I O O A R A T A R C  
A F N D T R I T I R I U  
S U R U B I M P L T N E  
O O N P L P A R U I C A  
A H C N I R T A M R H A  
O E D T L O A O A L A M

No pesca-palavras temos os nomes dos 8 peixes abaixo. Você pode identificá-los? – Na página seguinte, temos ilustrações e descrições dos quatro primeiros. E, na próxima edição, vamos publicar os outros quatro. Guarde esse jornal para comparar os peixes quando você receber a próxima edição.

Tabarana  
Curimatã  
Dourado  
Lambari  
Piáu  
Matrinchá  
Surubim  
Traíra.

## Brincando de reciclar

Você sabia que dá pra fazer brinquedos muito criativos com materiais que você tem na sua casa? Com um barbeador e duas latinhas de conserva (aquelas de ervilha, milho e extrato de tomate), vamos criar um telefone diferente. Peça a um adulto para fazer um furo no fundo de cada lata. Amarrar as pontas de um barbante do tamanho que você quiser, em cada um dos furos das latinhas. Agora é só dar um nó em cada ponta, para deixar bem firme. Pronto! Você pode falar com seus amigos nesse telefone muito divertido!

Se você souber fazer algum brinquedo com material reciclado, mande a sugestão para publicarmos.

## Mostre o seu talento

Mande um desenho ou uma poesia sobre o rio e a importância dele para você vive. Os melhores trabalhos serão publicados no nosso jornal e premiados com uma camiseta do projeto Manuelzão.

Mande seu nome completo, idade, endereço, telefone e nome da escola onde estuda. O endereço é PROJETO MANUELZÃO - Av. Alfredo Balena, 190 - sala 10012, Santa Efigênia, Belo Horizonte. Minas Gerais. CEP 30130-1000.



(\*) Morador da região do rio Cipó, do comitê local



### Parcerias:



Municípios da Bacia



UNICENTRO NEWTON PAIVA

Secretaria de Recursos Hídricos/MMA



EMATER MG



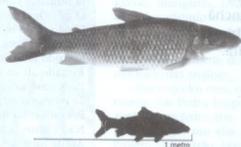
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MINAS GERAIS



# Conheça os peixes do Rio das Velhas

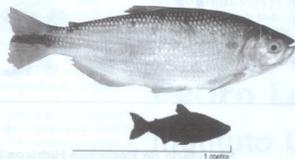
Silvia Araújo e Flávia Mantovani  
Estudantes de Comunicação da UFMG

Nome Popular: Piaú-verdadeiro  
Nome científico: **Leporinus elongatus**



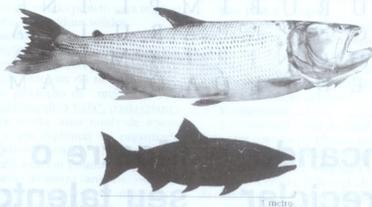
É uma espécie bastante comum na bacia do São Francisco. Vive nos rios, em poços profundos e nas margens. Espécie onívora, alimenta-se de vegetais, insetos adultos e larvas. Coloração prateada, com três manchas pretas nas laterais do corpo, e nadadeiras amareladas. Este piaú atinge em média 40cm de comprimento e 1,5kg, sendo que os indivíduos maiores chegam a 60cm e 5kg. Ocorre tanto no rio das Velhas quanto em seus afluentes.

Nome Popular: Matrinxã  
Nome científico: **Brycon lundii**



Vive tanto no canal dos rios quanto nas áreas próximas às margens e em locais de corredeira. Alimenta-se de sementes, flores e folhas. É cada vez mais difícil encontrá-lo, por causa da degradação ambiental. Sua coloração é prateada com reflexos esverdeados e nadadeiras vermelhas. Pode alcançar 40 cm de comprimento e 2 kg. Só foi registrado próximo ao rio São Francisco, no baixo rio das Velhas.

Nome Popular: Dourado  
Nome científico: **Salminus brasiliensis**



Alimenta-se de pequenos peixes nas corredeiras e na boca das lagoas. Nada em cardumes nas correteiras dos rios e realiza longas migrações reprodutivas. Pode alcançar mais de 1m de comprimento e 25kg, mas exemplares desse porte são raríssimos. É considerado o maior peixe de escama da bacia do São Francisco, conhecido como o rei do rio. Também já foi registrado no rio das Velhas até a cidade de Santana do Pirapama.

Nome Popular: Lambari  
Nome científico: **(Astyanax bimaculatus)**



Espécie onívora: alimenta-se de vegetais e animais (flores, frutos, sementes, insetos, crustáceos, algas, detritos etc.). Vivem em vários tipos de habitats. São peixes de pequeno porte, raramente ultrapassando os 15 cm. Possui corpo prateado com nadadeiras amareladas, por isso, também pode ser chamado de lambari-do-rabo-amarelo.

## Engenharia busca extensão social

Renata Antunes Frederico  
Estudante de Comunicação na UFMG

A Semana Unificada de Engenharia-SEMUNE, da Universidade Federal de Minas Gerais, realizada no dia 15 de abril, levantou a discussão sobre o papel do profissional de engenharia no desenvolvimento social e tecnológico do país com seminários, cursos, foros de discussão e palestras.

Extensão Universitária é o compromisso da instituição de ensino federal com a comunidade foi um dos temas, onde projetos de extensão desenvolvidos pela engenharia e outros departamentos da UFMG foram apresentados. O coordenador geral, o Prof. Apolo Lisboa e Thomás da Mata Machado do Projeto Manuelzão, mostraram as propostas do projeto e o seu papel unificador dos diversos setores na Universidade, inclusive a Engenharia na busca de soluções para os problemas do meio ambiente e saúde.

O SEMUNE estimula a formação de profissionais dispostos a contribuir para

a mobilização social e os projetos de extensão universitária e assim, atuaram como incentivadores do compromisso dos estudantes com os problemas sociais. Um exemplo é o Curso Intensivo de Preparação de Mão de Obra Industrial, o CIPMOI, direcionado a operários que são prática e querem adquirir conhecimentos teóricos. Eles são auxiliados pelos graduandos e alunos da pós-graduação do curso de Engenharia. Como parceiros do projeto, participam também os alunos do curso de letras e psicologia. O CIPMOI estimula o interesse pela docência, produz ensino e traz um retorno para a comunidade.

Outro projeto, o P.I.C (Programa de Internato Curricular), leva o aluno a conviver direto com a realidade das populações carentes. O papel das ações de extensão universitária é reduzir a distância entre a prática/teoria, promover o trabalho em e equipe e integrar a Universidade no contexto social.

## Seminário: mobilização de lideranças comunitárias



Thomaz Mata Machado, Marcus Polignano e lideranças comunitárias do Alto Vera Cruz como Dona Valdete

A Prefeitura de Belo Horizonte e Projeto Manuelzão reuniram cerca de 160 líderes comunitários de 23 áreas de intervenção no município, no dia 5 de maio, no campus da UFMG, para falar sobre as dificuldades de cada região e estudar atividades conjuntas. Estiveram presentes também o vereador Índio, Ana Pascoal e o secretário da Administração Regional da Noroeste, José Flávio.

Durante o seminário, foram realizadas palestras sobre o Projeto Manuelzão e sobre

como são criados e funcionam os comitês, pelo coordenador geral, Apolo Lisboa e o coordenador Thomás da Mata Machado. Eles falaram também sobre as diversas formas de mobilização das comunidades para a resolução de problemas ambientais, como a questão do lixo, esgotos, limpeza de córregos, conservação e criação de áreas verdes.

Foram realizadas atividades culturais, com a participação da banda Gerais Big Band, animadores e apresentação teatral.

## Projeto "Cultive a Vida"



O reitor do Unicentro Newton Paiva, Newton Paiva Ferreira Filho lança o Projeto "Cultive a Vida" no Parque das Mangabeiras

O Parque das Mangabeiras, a Associação Mineira de Defesa do Ambiente (AMDA), o Unicentro Newton Paiva e a Plantar, parceiros do Projeto Manuelzão, estão juntos no projeto Cultive a Vida, uma campanha para que a população do Estado adquira mudas de Ipê-roxo, uma das espécies de plantas em extinção.

O lançamento do projeto aconteceu durante as comemorações dos 19 anos do

(\*) **Onde comprar as mudas:**

Unicentro Newton Paiva:

1. Campus Caíçara - Av. Carlos Luz, 800 - Caíçara
2. Campus Silva Lobo - Av. Silva Lobo, 1730 - Nova Granada
3. Campus Prado Av. do Contorno, 9384 - Prado
4. Retórica - Rua Gotacases, 1762 - barro Preto

Restaurantes:

5. Buona Tivola Spazio Gastronômico - Rua Abgass, 743
6. Dona Derna - R. Tomé de Souza, 1380
7. Dona Lucinha I - R. Padre Odorico, 38
8. Era Uma Vez um Chalezinho... - Alameda da Serra, 18

Mangabeiras. Mil mudas de Ipê-roxo, doadas pelo projeto, foram distribuídas aos visitantes do parque.

Outras 25 mil mudas da planta podem ser adquiridas também em outros 19 pontos (\*) distribuídos pela Capital, ao preço simbólico de R\$ 3,00 (três reais). Parte da renda será doada à AMDA, para o desenvolvimento de projetos de proteção ambiental.

9. Haus München - R. Luiz de Fora, 1257
10. Krug Bier - Av. Paulo Camillo Pena, 736
11. La Brace Grehalhos - R. Parabal, 1279
12. Parrilla do Maranhão - Av. Silva Lobo, 883
13. Rancho Fundo - Av. Prof. Mário Werneck, 1.000
14. Restaurante da Rodoviária - Estação Rodoviária de BH, 11.320
15. Restaurante Maria das Traças - R. Estoril, 938
16. Vecchio Sogno Ristorante - R. Marim de Carvalho, 75
17. Vila Americana Choppeteria - R. Pernambuco, 1.025
18. Vila Ázida - R. Pernambuco, 260
19. Xapuri - R. Mandiara, 781

## "Manuelzão" fez 4 anos

O Projeto Manuelzão completou quatro anos de estrada (ou seria melhor dizer rio?) pela melhoria da qualidade de vida da população da bacia hidrográfica do Rio das Velhas. Nestes anos de luta pela sua revitalização, pela volta do peixe ao rio, pela melhoria da saúde e do meio ambiente contamos com a colaboração de muita gente. É um trabalho de resultados lentos, mas qualquer avanço na recuperação das áreas degradadas, deixa todos com uma esperança de vitória.

No dia 30 de março, comemoramos a data com uma festa, que reuniu em torno de 800 companheiros. Na festa foram homenageadas as seguintes pessoas por sua contribuição ao Projeto: o geólogo Edézio Teixeira de Carvalho, promotor Ernane Geraldo de Araújo, o pro-

fessor Hugo Eiras Furquim Werneck, promotor Leonardo Duque Barbeta, o empresário Lucimário Abadjeff, presidente da Comissão de Saúde deputado estadual Carlos Régis de Almeida Lima, Superintendente da AMDA Maria Dalce Riça, agricultor Ronald Carvalho Guerra, deputado federal Ronaldo Vasconcelos e amigo dos rios e da pesca Sérgio Luiz Bittencourt.

No nosso obrigado aos parceiros, que têm nos dado apoio nesta caminhada: Copasa, Universidade Federal de Minas Gerais, Medicina/Internato Rural, ICEX, ICB, IGC, Farmácia, Emater, Prefeitura de Belo Horizonte, Centro Universitário Newton Paiva, DMPIS, Secretária de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente e Municípios da Bacia.

## Sabará sedia Fórum do Alto Rio das Velhas

Duas cabeças pensando juntas (ou muitas, como neste caso), podem encontrar soluções mais rápidas e viáveis para problemas comuns. Foi o que aconteceu no IV Seminário "O Lixo Nosso de Cada Dia" - Fórum do Alto Rio das Velhas - realizado em Sabará, no dia 26 de abril, com abertura feita pelo prefeito da cidade, Wander Borges. Prefeitos e secretários das prefeituras de Caeté, Raposos, Sabará, Ouro Preto, Rio Acima, Itabirito e Nova Lima junto com o Projeto Manuelzão estudaram formas de resolver questões ambientais comuns.

Foram discutidos o zoneamento das

Apas Sul e Cachoeira das Andorinhas (onde fica a nascente do rio das Velhas), o turismo na recuperação e conservação do meio ambiente, os estragos provocados pela ferrovia Vitória-Minas da Vale do Rio Doce e o destino do lixo.

Prefeitos e representantes destas cidades falaram das experiências de cada município como educação ambiental nas escolas, construções de estações de tratamento de esgotos, fim de lixões e aprofundaram a discussão das alternativas combinadas de aterro, compostagem e reciclagem com tendência ao reforço das duas últimas.



Quadra de Rugendas - navegação no rio das Velhas - Sabará no século XIX



Mário de Lima Guerra, Antônio Luiz de Siqueira e Apolo Lisboa na assinatura do convênio

## Rio Sabará

Também foi assinado um convênio de cooperação entre a Sociedade Educacional e Cultural de Sabará e o Comitê Associação dos Amigos do Rio Sabará, para realizar projetos de preservação do rio, que nasce na localidade Juca Vieira, em Caeté, e deságua no rio das Velhas, em Sabará, onde teve grande importância no ciclo do ouro e para o movimento no porto do Rio das Velhas.

O diretor da Sociedade Educacional

e Cultural de Sabará, Mário de Lima Guerra, falou sobre a importância da integração entre a Sociedade Educacional e a comunidade na solução de problemas da cidade.

Luiz Antônio de Siqueira, diretor do Comitê Amigos do Rio Sabará, explica que hoje, um dos grandes poluidores, além dos esgotos, é o lixo doméstico, e por isso está sendo planejada uma campanha de conscientização com os moradores vizinhos do rio.

## Zoneamento das Apas

O zoneamento das Apas limita as áreas onde o homem pode intervir e como deve ser feita esta intervenção, o que precisa ser preservado e define como conciliar o desenvolvimento econômico sem agredir o ambiente.

Benício de Assis Araújo, da Secretaria de Estado do Planejamento e representante do órgão no Conselho da Apa-Sul, disse que "os estudos e propostas para concretizar o zoneamento estão prontos

e em torno de oito meses, acredito que haverá alguma definição sobre o assunto." Vamos cobrar.

Nas cidades de Sarzedo, Santa Bárbara, Rio Acima, Raposos, Nova Lima, Catas Altas, Caeté, Barão de Cocais e Itabirito, que compõem a Apa-Sul, região de mineração, loteamentos e mananciais é urgente definir o zoneamento para facilitar o acompanhamento destas atividades.

## Agradecimentos

O Seminário foi em Sabará a convite do prefeito Wander Borges. Nosso agradecimento a ele e a secretária do Meio Ambiente, Carmem Alves, pelas condições em que o encontro foi realizado. Agradecemos também à Cia. Belgo Mineira pelo excelente espaço cedido e à assistência técnica que nos prestaram.

O próximo Fórum será em Ouro Preto, em data a ser determinada.

O Unicentro Newton Paiva, parceiro do Projeto Manuelzão, colabora para a produção deste jornal.

 UNICENTRO NEWTON PAIVA

# Planta é remédio

## Brasil perde suas raízes

Frederico Vieira  
Estudante de Comunicação da UFMG

Quem nunca tomou aquele chá de camomila para melhorar da indigestão, ou mesmo uma ou duas cabeças de alho para prevenir a gripe? Conhecimentos como esses fazem parte da cultura medicinal popular. E, o que parece para muitos costume antigo e ultrapassado, para outros é salvação. Ainda há muitas regiões no Brasil em que o acesso ao atendimento médico é precário e onde as farmácias e seus remédios industrializados não chegam. A verdade é que planta medicinal é remédio e nesses lugares o que fala mais alto é a sabedoria popular.

Por isso é importante lembrar que toda planta medicinal tem química, igual a qualquer remédio de farmácia, às vezes até mais tóxica. Dizer que o produto é natural não exclui a observação de sua posologia (indicação das doses exatas na utilização de chás, infusões, inalações...). Resgatar essa cultura e confirmá-la através de ensaios químico-farmacológicos, é preocupação do Projeto Manuelzão. À medida que os ecossistemas vão sendo destruídos, perde-se a cultura sobre as plantas medicinais, pela industrialização. É preciso retomá-la.

### Em no Velhas?

Em 1999 o Projeto Manuelzão conseguiu recursos para o desenvolvimento de projeto multidisciplinar de pesquisa na região da bacia do Rio das Velhas que reuniu biólogos, médicos, geólogos, químicos, engenheiros e farmacêuticos. Em 21 de março último os resultados foram apresentados no auditório da COPASA, em Belo Horizonte. Dentre os trabalhos, estava o de Maria das Graças Brandão, professora da Faculdade de Farmácia, doutora em química de produtos naturais, com especialização nos Estados Unidos e Alemanha.

Ela, juntamente com seus alunos, realizou levantamento etnobotânico dos exemplares das plantas medicinais nativas mais usadas pela população do Velhas. "Etnobotânico é o profissional que conversa com as pessoas e observa o uso tradicional das plantas no tratamento de moléstias ou doenças", diz Maria das Graças.

"Geralmente os estudiosos se preocupam muito com as plantas e se esquecem

da população. Mas sem a população, sem o conhecimento dela sobre plantas nativas, não há planta medicinal. Planta medicinal é aquela que possui princípios ativos e que o povo utiliza como remédio, e de onde vem esse uso? De anos de tradição", acrescenta ela. No caso do Velhas há muitas áreas ainda preservadas, principalmente no Norte de Minas, o que foi surpresa para a pesquisadora. Dentre as plantas encontradas na bacia do Velhas estão espécies raras como a salsaparilha, caíca e carobinha – exemplar dos tempos dos índios, que quase não se encontra mais.

### Plantas em perigo

Essa riqueza, entretanto, está ameaçada. O comércio ilegal de grandes quantidades de plantas nativas, retiradas da vegetação local para atender o mercado, não se preocupa com o replantio. Nossas plantas são levadas a outros lugares do país e do mundo, mas o retorno social desta atividade é baixíssimo. Tudo começa, por exemplo, com uma "dona" de Curvelo. Ela vende faveira, planta leguminosa com inúmeras aplicações, à 10 centavos. No mercado internacional, o grama da mesma planta vale 800 dólares. É caro, portanto, que a população se conscientize do valor destas plantas, preservando nosso patrimônio.

A maioria das indústrias farmacêuticas, interessadas nos princípios ativos, atropelam-se em conseguir as patentes dessas vegetais. Se o país não abraçar essa causa, não estudar a flora que é sua, vai perdê-la. A única forma de reverter uma patente é a confirmação do uso tradicional dessas plantas na cultura de um país. Na Índia, indústrias farmacêuticas perderam o direito de explorar plantas de uso corrente da medicina popular quando o país comprovou tal aplicação.

A professora Maria das Graças Brandão diz que "destruir áreas verdes para pasto e construções, com derrubada indiscriminada de árvores, é exemplo de ignorância. Na casa de uma delas pode haver, por exemplo, princípios ativos de uso ainda não descoberto". Ela acredita que o governo ainda tem feito pouco em favor da flora, tendo em vista a "descobida variedade" da Amazônia.



A carobinha (Jacandá Sp.) encontrada em Santana do Riacho, utilizada como anti-inflamatório pela população local

## Xampu contra piolhos

### Ingredientes:

1. 2 tabletes de sabão de coco (ou sabonete de glicerina) ralados
2. 40 gotas de própolis
3. 20 gotas de óleo de copaíba
4. 20 colheres (de sobremesa) de mel
5. 1 litro de água
6. 1 colher de café de sal de cozinha
7. 3 folhas de fumo
8. 1 maço de carqueja, alecrim, hortelã pimenta, boldo, losna e erva santa-maria

### Modo de preparo:

1. Ferver o fumo e a carqueja em 200 ml de água (1 copo) por 3 minutos
2. Bater todas as outras ervas no liquidificador em ~ litro d'água
3. Coar as duas misturas acima
4. Derreter o sabão em ~ de água fervente
5. Juntar tudo em uma panela (o copo com fumo e carqueja e o ~ litro de água com ervas batidas [já coadas] com o ~ litro de água com o sabão derretido) e ferver por 5 minutos
6. Deixar esfriar
7. Acrescentar o óleo de copaíba, sal, própolis e mel à mistura.

### Professora

"A professora é figura chave na educação ambiental. Ensinar a criança a preservar a natureza deve ser meta fundamental" constata Maria das Graças Brandão, que trabalha há 14 anos no ensino sobre fitoterápicos na Faculdade de Farmácia da UFMG. O trabalho com o Projeto Manuelzão foi de apenas um

ano. "Para se fazer um levantamento fiel para publicação é preciso mais tempo. O próximo passo da pesquisa seria a inspeção às áreas mais preservadas, e coletas de exemplares para novos ensaios químico-farmacológicos, que nós já começamos a fazer na primeira fase. Enquanto isso a tarefa de esclarecer e preservar cabe a todos nós", diz a pesquisadora.

Promotora Josely Ramos Pontes

# A lei em defesa da vida

Tiago Miranda e Milene Migliano  
Estudantes de Comunicação da UFMG

"Não tem comida igual ao cachimbau que se faz lá em Santo Antônio. É a melhor coisa do mundo." A promotora Josely Ramos Pontes lembra com água na boca de seu prato favorito feito com esse peixe que ela fazia seu pai dirigir 60 km, todos os domingos, até um restaurante. O peixe transformou-se para ela em um símbolo dos presentes que a natureza nos oferece.

Josely nasceu em leito fértil de vida, na cidade do interior fluminense, na Zona da Mata, Santo Antônio de Pádua, primeira estância hidromineral do Brasil. Aos cinco anos, mudou-se para a região industrial de São Gonçalo e o choque entre a zona rural e a urbana com seus problemas foi grande. Por isso mesmo ela guardou seu lugar de descanso em Santo Antônio, para onde sempre vai. "Eu tive uma criação rural e, sempre que podia, voltava à cidade natal para aproveitar suas belezas. Nadar em rios límpidos e passear em reservas de mata Atlântica. Isto só fez crescer, mais ainda, sua admiração pela natureza.

Em 1990, terminou o curso de Direito e ao casar-se, em 1992, mudou-se para Minas. Estudou bastante, passou no concurso para o Ministério Público, tornou-se promotora e trabalhou na Promotoria de várias cidades do Estado. O trabalho é uma das suas paixões e ela diz que "O Ministério Público está a anos-luz do Judiciário. Graças às Curadorias, órgãos extra-judiciais do Ministério, a legislação brasileira ganhou agilidade em muitas áreas".

Junto com outros promotores como Miriam Queiroz Lacerda Costa, de Pedro Leopoldo e os procuradores de Justiça, Jair Soares Filho e Luiz Carlos Tees Castro, Josely aumenta a força do Ministério Público, um aliado do Projeto Manuelzão na luta pela revitalização da bacia do Velhas.

## Protegendo Lagoa Santa

Em 1998, nomeada promotora em Lagoa Santa, encantou-se com as belezas naturais do lugar e sentiu maior estímulo em seu trabalho pelo meio ambiente. Lá ela cuida das Curadorias do Meio Ambiente, Patrimônio Público e do Consumidor. Ela conhece o Projeto Manuelzão em seu trabalho de defesa ambiental, através do comitê

Manuelzão local e tornou-se nossa aliada na luta contra a degradação da cidade.

Sua atuação segura, durante a Audiência Pública, na Assembleia Legislativa, foi fundamental na negativa de ampliação da mina Lapa Vermelha, da Soicom. A mineradora está em processo de investigação pela Promotoria e ela explica que os dados técnicos da prefeitura comprovam que a empresa está drenando o lençol freático para continuar a extração do minério.

Sua disposição em transformar a realidade, deixa Josely sempre atenta ao que acontece com o meio ambiente. A Promotoria tem 47 inquéritos abertos contra loteamentos irregulares em Lagoa Santa e os bares da cidade também são alvo dos olhares atentos da promotora, porque a urina do turista cai toda na Lagoa Central e os donos dos bares não fazem nada para impedir. Sua preocupação, diz ela, "é que eles estão destruindo a beleza natural da cidade e expulsando a própria fonte de renda deles."

A promotora diz que o trabalho em defesa do meio ambiente nem sempre é dos mais simples e elogia a população da cidade, dizendo que "Lagoa Santa é uma exceção. Na maioria dos lugares é muito difícil de encontrar parceiros que atuem junto com a Curadoria do Meio ambiente."

Sua atuação ambiental não se limita a Lagoa Santa. Ao saber da notícia de uma alga letal na Lagoa de Confins, procurou os representantes da Infraero e pediu explicações sobre o esgoto sem tratamento ali jogado. Outro trabalho exercido sem perdão é na Curadoria de Defesa do Consumidor, onde conseguiu que a Phillips reparasse o prejuízo a um consumidor, que teve a casa queimada por causa de uma lâmpada defeituosa.

Josely vê com tristeza o contraste entre o seu trabalho diário em Minas e a mentalidade ecológica no Estado do Rio, onde nasceu. Segundo ela, "a visão do fluminense sobre proteção ambiental é, geralmente, mais lúdica e pouco efetiva. Atitudes como "Abraça a Lagoa Rodrigo de Freitas" são bonitas, mas não adiantam nada. Lá é muito oba-oba. Além disso, não há ação de ONG's ou órgãos públicos interessados na defesa ambiental."

Vicente, marido de Josely, chega à sala lembrando-a de um compromisso. Assim, toma parte na conversa e explica que é ex-funcionário de uma mineradora e tenta convencê-la dos benefícios da extração. Ela continua irredutível em sua posição de defesa da vida e brinca com o marido, "Eu não sou contra a mineração, ela é importante, mas é muito importante são as árvores, a água, o meio ambiente." Pelo visto, é em casa, com seu marido, que a promotora "treina" para participar das auditorias.



### SEDE DO PROJETO MANUELZÃO

Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais  
Caixa Postal 340 - Av. Alfredo Balena, 190 sala 10012. Santa Efigênia  
Belo Horizonte. Minas Gerais. Brasil. CEP: 30130-100  
Telefones: (XX31) 3248-9817/3248-9819 - Telefax: (XX31) 3248-9818

